



Modos de vida e produção na Comunidade Vale do Mucuripe, Santana do Acaraú, Ceará

Lifestyle and production in the Community of Mucuripe Valley, Santana do Acaraú, Ceará

SILVA, Paulo Vitor¹; SILVA, Rafael Ricardo Vasconcelos²; BREDA, Mariana Oliveira³; NAVAS, Rafael⁴

¹Agricultor, Graduando em Agroecologia Bacharelado pelo Pronera - Universidade Federal de Alagoas, vitor-silva50@live.com; ²Docente Universidade Federal de Alagoas, rafaelrvsilva@gmail.com; ³Docente Universidade Federal de Alagoas, breda.mariana@hotmail.com; ⁴Docente Universidade Federal de Alagoas, rafael.navas@ceca.ufal.br

Eixo temático: Políticas públicas e Agroecologia

Resumo: O modo de viver na zona rural vem se adaptando cada vez mais por conta das inovações adquiridas ao longo dos últimos anos. As famílias agricultoras tornam-se mais preparadas para a sobrevivência no campo e em efeito a isso, é perceptível a satisfação destas famílias ali habitar e desenvolver suas atividades agrícolas e sociais que caminham juntas. Para as famílias da comunidade Vale do Mucuripe no município cearense de Santana do Acaraú, em que foram realizadas as entrevistas, constatamos que estes agricultores e agricultoras são pessoas que acreditam na oportunidade de conquistas a partir de seus esforços realizados; de produzir seus alimentos saudáveis e proporcionar um desenvolvimento social e cultural dessa comunidade, buscando diariamente alternativas que tornem suas atividades realizadas resultados norteadores para todo o conjunto das famílias que compõem este assentamento.

Palavras-chave: Reforma agrária; Políticas Públicas; Diagnóstico rural.

Keywords: Land reform; Public policy; Rural diagnosis.

Introdução

O primeiro passo para que as famílias camponesas se insiram no processo de produção agroecológica é a conquista da terra. A partir disso outras oportunidades vão surgindo, com o acesso aos modos de vida e produção agroecológicas que têm tornado as pessoas mais preparadas para enfrentar a vida no meio rural. Na perspectiva de fomentar uma alternativa de desenvolvimento para o meio rural, a agroecologia surge comprometida com as questões naturais da produção agrícola, porém, além disso, incorpora preocupações sociais e políticas, fundamentais para a vida humana (CARVALHO e DAVID, 2011). Para Sevilla Guzmán e Casado (1997), a agroecologia fundamenta-se na ecologia, respeitando as leis e as potencialidades dos ecossistemas naturais e considera inseparáveis os sistemas sociais dos ecológicos.

Experiências desse tipo representam um estímulo importante para que os agricultores se envolvam mais e adotem uma mudança de comportamento, produzindo mais e com alternativas que proporcionem a estes produtores, autonomia e soberania alimentar.



Neste trabalho, objetivamos descrever as atividades e produção da comunidade Vale do Mucuripe, no município de Santana do Acaraú, estado do Ceará, com o intuito de identificar seus principais problemas, como se organizam social e culturalmente. Além disso, buscamos vivenciar um pouco da rotina comunitária dessas pessoas, para identificar possíveis temas que possam interessar a estudos futuros, e assim facilitar a escolha de metodologias que possam auxiliar na condução dos trabalhos propostos.

Metodologia

A concepção desse trabalho se deu como parte de um projeto interdisciplinar, pensado e elaborado conjuntamente pelos coordenadores, professores, educandos e membros de movimentos sociais vinculados ao curso de Agroecologia Bacharelado, ofertado pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), desenvolvido pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Desse modo, foram realizadas reuniões para definição dos objetivos, metodologias de trabalho e resultados esperados a partir das atividades desenvolvidas durante as etapas do curso.

Para realização dessa pesquisa, foi selecionado o assentamento Vale do Mucuripe, localizado a 15 (quinze) quilômetros da sede do município de Santana do Acaraú, na região Norte do estado do Ceará.

Para a coleta dos dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e diálogos com 15 (quinze) famílias de agricultores de base agroecológica. Nestas entrevistas buscou-se levantar informações sobre os aspectos físicos e sociais da comunidade, destacando desde o histórico de constituição do assentamento, até sua estruturação, modos de produção agrícola, processo de transição agroecológica, entre outras características consideradas relevantes ao objetivo do trabalho. Os dados foram analisados de forma qualitativa, de modo a construir uma descrição geral, enfatizando os principais aspectos identificados sobre os temas de interesse.

Resultados e Discussão

O assentamento pesquisado apresenta área de 177,89 hectares, conquistada no ano de 2015, depois de vários anos de lutas e persistência das famílias beneficiadas, através de uma política pública do Programa Nacional de Crédito Fundiário. Recebeu o nome de Assentamento Vale do Mucuripe, por localizar-se em uma extensão de terras nas proximidades de uma exuberante serra de nome Mucuripe. Atualmente, o assentamento é constituído por 16 (dezesesseis) famílias, entre jovens, adultos e pessoas de terceira idade.

A formação da comunidade foi se dando gradativamente, iniciando pela construção das casas, erguidas com recursos próprios de seus moradores, pois esses ainda



não foram contemplados pelo Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR), como era previsto no projeto inicial. Em virtude disso, da totalidade do assentamento, cinco (5) famílias ainda não construíram suas residências na área e residem em comunidades próximas.

Com relação a origem das famílias, metade das mesmas (8) são oriundas de outras comunidades e/ou da sede do município, e antes do assentamento trabalhavam com prestação de serviços a proprietários de terras da região, sem nenhuma perspectivas de crescimento pessoal. Tendo a oportunidade de mudanças positivas em suas vidas, estas famílias decidiram aproveitar a chance. Aos poucos o sonho de uma vida melhor vem se concretizando e as famílias se adaptando a nova realidade, vivenciada a cada dia na comunidade.

As atividades produtivas desenvolvidas pelos agricultores e agricultoras se dá principalmente nos cultivos costumeiros das culturas de milho, feijão, jerimum, batata doce e macaxeira, relacionadas aos hábitos alimentares locais, consorciando a outras culturas e também com frutíferas nos quintais, como melancia, coco, caju, banana, mamão, maracujá, acerola, ata, graviola, cajarana, limão, laranja, goiaba, bem como hortaliças e plantas medicinais. Na adubação das hortas e pomares utilizam esterco bovino, caprino e ovino, bagaço da palha de carnaúba, e também reaproveitam o resto de culturas presentes na área, como também os resíduos de podas, que também são aproveitados como adubo.

Na parte de produção animal, os agricultores e agricultoras têm as criações de vacas, ovelhas, cabras, porcos, galinhas, capotes, perus e patos. Predomina a criação de vacas leiteiras para o consumo e para venda de queijos. Os caprinos são criados em menor quantidade, sendo apenas um produtor que mantém uma pequena criação no assentamento, pois na região tanto a carne como o leite não têm muita aceitação.

De acordo com os entrevistados, todas as atividades produtivas são feitas visando o autoconsumo. A produção é guardada e vai sendo consumida ao longo do período da entre safra pelas pessoas da família e pelos animais. Apenas um pequeno excedente de tudo o que é produzido é vendido. Para complementação da renda, importante para a sobrevivência das famílias, alguns agricultores do assentamento ainda necessitam desenvolver atividades em outros locais de trabalho, sendo remunerados através de diárias. Dessa forma, vão garantindo o manutenção da família. Esse fato se deve a falta de acesso a crédito, que ainda não foi liberado para as famílias, o que dificulta ampliar a produção e garantir a renda da terra.

Quanto ao acesso dos agricultores e agricultoras à assistência técnica, os entrevistados declararam que vêm recebendo visitas de profissionais agrônomos da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente do município. Nessas visitas são orientados a promover a diversificação dos cultivos de hortaliças para obter a produção escalonada e contínua, visando vender para os programas sociais, por



meio de cooperativa. Porém, as famílias ainda não conseguiram se articular para esse empreendimento.

Um dos principais desafios dos assentados é a disponibilidade hídrica, pelo fato de estarem localizados na região semiárida do estado do Ceará, atingida por períodos de secas e irregularidades de chuvas. Apesar disso, nos últimos anos a oferta de água foi estável, permitindo encher os reservatórios existentes na comunidade. Atualmente, os mesmos se encontram em capacidade total de abastecimento, permitindo a produção de forragem e garantindo assim a alimentação necessária dos rebanhos. Com isso, os agricultores entrevistados alegaram que se sentem aliviados de ver a prosperidade se manifestar através da estabilidade dos recursos naturais.

A criação da chamada Casa de Sementes, conhecida na comunidade e região, promoveu, desde a constituição do assentamento, o diálogo e a conscientização das pessoas para produção de alimentos limpos, saudáveis e em harmonia com a natureza. No município, os assentados contam com o apoio da Rede de Intercâmbios de Sementes (RIS), entidade ligada aos movimentos sociais do campo, construída por agricultores e experimentadores que buscam orientar as pessoas sobre as práticas agroecológicas, enfatizando a preservação das sementes crioulas e o fortalecimento da produção e soberania alimentar. Como uma das formas de promoção deste trabalho, a Casa de Sementes da comunidade, e todas as outras do município, realizam suas festas da colheita. Neste dia, todos os agricultores se reúnem na comunidade, juntamente com os seus convidados, parentes e amigos, e fazem a partilha dos alimentos em forma de agradecimento ao criador por tudo aquilo que conseguiu produzir durante o período de inverno. Segundo os entrevistados, este trabalho contribuiu para que os agricultores e agricultoras da comunidade estejam em fase de transição agroecológica. Em consequência disso a comunidade já conquistou o acesso a algumas tecnologias sociais, como a cisterna de primeira água e o sistema de reuso de águas cinzas. Porém, ainda existe resistência por parte de alguns agricultores à produção agroecológica. De acordo com os participantes, alguns agricultores ainda insistem nos métodos convencionais, com o uso de fogo, herbicidas e agrotóxicos, prejudicando a si, aos outros e todo o conjunto da natureza. Sendo assim o trabalho de conscientização deve ser contínuo.

Conclusões

No decorrer da vida em comunidade no assentamento Vale do Mucuripe, as famílias estão construindo cada uma sua própria história. Na medida em que os fatos vão ocorrendo, muitas dessas têm se tornado histórias de superação, inspiração, aprendizagem, e até mesmo de consequências negativas, mas que ainda assim são importantes nas experiências de vida dos assentados.

Assim como muitos, os moradores entrevistados estão na batalha diária pela sobrevivência, buscando conquistar novos meios para consolidar uma vida cada vez



mais digna, saudável e soberana, mesmo diante de todas as adversidades e dificuldades.

Assim, a terra representa para os agricultores e agricultoras entrevistados um espaço para produção de diversos tipos de alimentos e culturas, a criação de várias espécies animais, até o cultivo de plantas alimentícias, medicinais e ornamentais.

A terra representa ainda o espaço para manutenção da vida social, que faz destes agricultores e agricultoras da comunidade Vale do Mucuri, um povo feliz e digno de merecimento da realização do sonho comum.

Mesmo com a escassez de políticas públicas de apoio aos assentamentos, as famílias têm conseguido avançar na produção, garantindo o autoconsumo, a venda de excedentes e a adoção da agroecologia.

Agradecimentos

Deixo meus agradecimentos em primeiro lugar a Deus, pela oportunidade de fazer parte deste conjunto de educandos da Universidade Federal de Alagoas, especialmente no curso Bacharelado em Agroecologia. Às famílias do assentamento, que muito bem me receberam quando estive em suas residências para realizar as entrevistas, e ao conjunto de pessoas que contribuíram nas formas: financeiras, palavras de apoio, e até mesmo na realização de minhas atividades quando estou ausente de minha comunidade para estudar.

Referências bibliográficas

CARVALHO, A. DAVID, C. Políticas públicas para o campo e desenvolvimento rural sustentável. **GeoUERJ**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 22, p. 171-186, 2011.

SEVILLA GUZMÁN, E.; CASADO, G. I. (Org.) **Estilos de agricultura ecológica: a agroecología en Andalucía**. Córdoba: Ed. FOUCI, 1997. 102 p.